



A Escolha

da trilogia A SELEÇÃO

K I E R A C A S S

Tradução

CRISTIAN CLEMENTE

SEGUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2014 by Kiera Cass
Todos os direitos reservados.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL The One

CAPA <completar>.

PREPARAÇÃO Paula Marconi de Lima

REVISÃO Larissa Lino Barbosa

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

NAQUELE DIA ESTÁVAMOS NO GRANDE SALÃO aturando mais uma aula de etiqueta quando os tijolos começaram a voar através da janela. Elise se jogou no chão imediatamente e começou a rastejar em direção à porta lateral, choramingando. Celeste soltou um grito agudo e disparou para o fundo do salão, escapando por pouco de uma chuva de estilhaços de vidro. Kriss me puxou pelo braço, e começamos a correr juntas até a saída.

— Rápido, senhoritas! — Silvia gritou.

Em questão de segundos, os guardas se alinharam nas janelas e começaram a atirar. Os estalos ecoavam em meus ouvidos enquanto fugíamos. Não importava mais se as armas usadas pelos rebeldes eram revólveres ou pedras: qualquer um que demonstrasse o menor grau de agressividade nos arredores do palácio iria morrer. Já não havia tolerância com esse tipo de ataque.

— Odeio correr com esses sapatos — Kriss murmurou, com um pedaço do vestido enrolado no braço e os olhos fixos no fim do corredor.

— Uma de nós terá que se acostumar com isso — Celeste comentou, respirando com dificuldade.

Suspirei.

— Se for eu, vou usar tênis todo dia. Não aguento mais isso.

— Conversem menos e corram mais! — Silvia gritou.

— Como podemos chegar ao andar de baixo por aqui? — Elise perguntou.

— E Maxon? — Kriss sussurrou.

Silvia não respondeu. Nós a seguimos por um labirinto de corredores em busca de um caminho para o porão, enquanto guardas e mais guardas corriam no sentido oposto ao nosso. Senti muita admiração por eles, imaginando a coragem necessária para ir *de encontro* ao perigo para proteger outras pessoas.

Os guardas que passavam por nós eram quase todos iguais, mas os olhos verdes de um deles estavam fixos em mim. Aspen não parecia estar com medo, nem sequer preocupado. Havia um problema, e ele iria resolvê-lo. Era o jeito dele.

Nosso olhar foi breve, mas suficiente. As coisas funcionavam assim com Aspen. Em frações de segundo, pude dizer a ele, em silêncio: *Tenha cuidado e fique atento*. E, sem uma palavra, ele respondeu: *Pode deixar, apenas se cuide*.

Apesar de lidar bem com essas coisas que não precisavam ser ditas, eu não tinha a mesma facilidade quando conversá-

vamos de fato. Nossa última conversa não tinha sido das mais felizes. Eu estava prestes a deixar o palácio e tinha pedido a ele um tempo para superar a Seleção. Mas, no fim, acabei ficando e não lhe dei qualquer explicação.

Talvez sua paciência comigo estivesse se esgotando; talvez ele já não conseguisse ver apenas o que eu tinha de melhor. Eu precisava resolver essa situação de algum jeito. Não podia imaginar minha vida sem Aspen. Mesmo naquele momento, em que eu esperava ser escolhida por Maxon, um mundo sem Aspen parecia inconcebível.

— Aqui está! — Silvia exclamou, empurrando uma tábua misteriosa na parede.

Seguimos escada abaixo, com Elise e Silvia à frente.

— Caramba, Elise, dá para ir mais rápido? — Celeste gritou.

Queria muito ter ficado irritada com ela por ter dito aquilo, mas sabia que todas estávamos pensando a mesma coisa.

À medida que descíamos pela escuridão, tentava me preparar para as horas que desperdiçaríamos, escondidas como ratos. Continuamos a correr. O som da nossa fuga abafava os gritos, até que uma voz masculina ecoou acima de nós.

— Parem! — ordenou.

Kriss e eu viramos ao mesmo tempo e enxergamos o uniforme claramente.

— Esperem! É um guarda — ela disse para as outras.

Paramos onde estávamos, resfolegando. Finalmente ele nos alcançou, também quase sem fôlego.

— Perdão, senhoritas. Os rebeldes fugiram assim que atiramos. Acho que não estavam a fim de briga hoje.

Silvia, alisando o vestido com as mãos, falou por nós:

— O rei concorda que é seguro? Se não for, você estará pondo a vida destas garotas em risco.

— O chefe da guarda liberou. Tenho certeza de que Sua Majestade...

— Não fale pelo rei. Venham, senhoritas, continuem.

— Você está falando sério? — perguntei. — Vamos descer para nada.

Silvia me encarou de um jeito que faria até um rebelde tremer de medo, e achei melhor ficar quieta. Silvia e eu tínhamos construído uma espécie de amizade quando ela, sem saber, me ajudou a tirar Maxon e Aspen da cabeça com suas aulas particulares. Porém, depois do meu showzinho no *Jornal Oficial*, alguns dias antes, nossa amizade parecia ter ido por água abaixo. Voltando-se para o guarda, ela continuou:

— Consiga uma ordem oficial do rei e voltaremos. Continuem andando, senhoritas.

Eu e o guarda trocamos um olhar de frustração e seguimos por caminhos opostos.

Silvia não demonstrou qualquer remorso quando, vinte minutos mais tarde, outro guarda veio avisar que estávamos livres para voltar ao andar de cima.

Estava tão nervosa com aquela situação que nem esperei Silvia e as outras garotas. Subi as escadas até o primeiro andar e segui direto para o meu quarto, ainda levando os sapatos pendurados nos dedos. Minhas criadas não estavam, mas havia uma bandejinha de prata com um envelope sobre a cama.

Na hora reconheci a caligrafia de May. Abri a carta e devorei suas palavras:

Ames,

Somos tias! Astra é maravilhosa. Queria que você estivesse aqui para conhecê-la pessoalmente, mas sabemos que você precisa ficar no palácio por enquanto. Você acha que passaremos o Natal juntas? Está chegando! Preciso voltar para ajudar Kenna e James. Ela é tão bonita que nem dá para acreditar! Aqui vai uma foto! Amamos você!

May

Puxei a foto brilhante de trás da carta. Estavam todos lá, menos Kota e eu. James, o marido de Kenna, estava radiante, em pé atrás da esposa e da filha, com os olhos inchados. Kenna estava sentada na cama, com um embrulhinho rosa entre os braços, parecendo ao mesmo tempo emocionada e exausta. Meus pais irradiavam orgulho, e o entusiasmo de May e Gerad saltava da foto. Claro que Kota não aparecia; ele não ganharia nada estando presente. Mas eu deveria estar lá.

Só que não estava.

Estava no palácio. E, às vezes, nem sabia por quê. Maxon ainda passava muito tempo com Kriss, mesmo depois de tudo que tinha feito para eu ficar. Do lado de fora, os rebeldes

atacavam sem descanso; ali dentro, as palavras frias do rei destruíam minha confiança. Em meio a tudo isso, Aspen ainda me rodeava — um segredo que eu precisava guardar. E as câmeras iam e vinham, roubando pedaços de nossas vidas para entreter as pessoas. Eu estava encurralada por todos os lados, perdendo tudo o que sempre fora importante para mim.

Engoli minhas lágrimas de raiva. Estava cansada de chorar.

Em vez disso, comecei a elaborar um plano. A única maneira de resolver esses problemas era acabar com a Seleção.

Embora de vez em quando ainda questionasse minha vontade de ser princesa, eu não tinha dúvidas de que queria ficar com Maxon. Para isso acontecer, não podia simplesmente cruzar os braços e esperar. Enquanto lembrava minha última conversa com o rei, comecei a andar em círculos, esperando as criadas.

Eu mal conseguia respirar, então sabia que tentar comer seria uma perda de tempo. Mas valeria o sacrifício. Precisava fazer algum progresso — e rápido. De acordo com o rei, as outras garotas estavam mais próximas de Maxon — fisicamente falando —, e ele tinha dito que eu era muito comum para ganhar delas naquele quesito.

Como se minha relação com Maxon já não fosse complicada o bastante, ainda precisava reconquistar sua confiança. E eu não sabia se isso significava fazer perguntas ou não. Apesar de ter quase certeza de que a intimidade com as outras garotas não tinha ido tão longe, não conseguia parar de pensar no assunto.

Nunca tinha tentado ser sedutora — praticamente todos os momentos íntimos que tivera com Maxon não foram intencionais —, mas eu esperava que, se fosse mais direta, poderia deixar claro que estava tão interessada nele quanto as outras.

Respirei fundo, ergui a cabeça e entrei na sala de jantar. Cheguei um ou dois minutos atrasada de propósito, na esperança de que todos já estivessem sentados. Meus cálculos deram certo. Mas a reação foi ainda melhor do que eu imaginava.

Fiz a reverência cruzando uma perna na frente da outra, para que a fenda do vestido se abrisse e revelasse até a minha coxa. O vestido era vermelho-escuro, tomara que caia, e deixava as costas totalmente expostas. Tinha certeza de que as criadas tinham feito alguma mágica para que ele parasse no lugar. Me endireitei, olhando fixamente para Maxon. Percebi que ele tinha parado de mastigar. Alguém derrubou um garfo.

Baixei os olhos e fui para o meu lugar, ao lado de Kriss.

— Francamente, America... — ela sussurrou.

Inclinei a cabeça na direção dela e perguntei, fingindo não ter entendido:

— O que foi?

Ela pousou os talheres no prato e nos encaramos.

— Você está vulgar.

— E você está com inveja.

Se não acertei na mosca, cheguei muito perto: ela corou um pouco e voltou a comer. Dei umas poucas beliscadas na comida, pois o vestido estava tão apertado que não dava para engolir muita coisa. Quando serviram a sobremesa, resolvi

parar de ignorar Maxon, que, como eu esperava, tinha os olhos fixos em mim. Ele imediatamente ergueu a mão e mexeu na orelha; discretamente, fiz o mesmo. Dei uma olhada rápida no rei Clarkson, me segurando para não rir. Ele estava irritado — o que também fazia parte do plano — e não podia fazer nada a respeito.

Pedi licença para me retirar antes de todo mundo, dando a Maxon a chance de admirar a parte de trás do vestido. Corri para o quarto. Mal fechei a porta e tratei logo de abrir o zíper. Estava desesperada para respirar.

— Como foi? — Mary perguntou, se apressando para me ajudar.

— Ele ficou embasbacado. Todo mundo ficou.

Lucy soltou um gritinho e Anne se apressou para ajudar Mary.

— Vamos segurar o vestido. Apenas ande — foi sua ordem, e obedeci. — Ele vem esta noite?

— Sim. Não sei bem a que horas, mas com certeza vai aparecer.

Sentei na beirada da cama, com os braços cruzados na barriga para que o vestido aberto não caísse.

Anne fez uma cara triste.

— É uma pena que a senhorita tenha de sofrer por mais algumas horas. Mas estou certa de que valerá a pena.

Sorri, tentando dar a impressão de que não me importava com a dor. Tinha dito a elas que queria chamar a atenção de Maxon, mas não mencionara minha esperança de que, com um pouco de sorte, o vestido logo estaria jogado no chão.

— Quer que a gente fique até ele chegar? — Lucy perguntou, entusiasmada.

— Não, só me ajudem a fechar isto aqui de novo. Preciso pensar sobre algumas coisas — respondi, levantando para que elas pudessem me ajudar.

Mary segurou o fecho.

— Prenda a respiração, senhorita.

Obedeci, e mais uma vez fui espremida pelo vestido. Pensei em um soldado que se preparava para a guerra. A armadura era diferente, mas a ideia, a mesma.

Naquela noite, eu ia derrotar um homem.